

EDUCAÇÃO, UM TESOURO A DESCOBIR

Do paradigma económico ao paradigma do desenvolvimento humano

Joaquim Azevedo
50º Aniversário da Unesco
04 de Novembro de 1996

No ano em que se comemoram os cinquenta anos da UNESCO e quase vinte e cinco anos depois do Relatório Faure, “Apprendre à être”, de 1972, uma nova Comissão Internacional produziu para a UNESCO um Relatório sobre a “Educação para o Séc. XXI”.

A minha primeira observação vai para o título do relatório: “A educação: um tesouro a descobrir”. Porquê esta observação? Por duas razões principais: primeiro, porque no momento em que parece estar esgotado o modelo moderno da educação escolar, surge um relatório internacional escrito por peritos de todos os continentes a salientar desde logo que a educação escolar é ainda um tesouro a descobrir; segundo porque o relatório efectivamente abre importantes perspectivas sobre a educação para o Séc. XXI e eu, no que respeita à mudança social, atribuo um lugar importante à utopia.

Feita esta observação inicial passo a expôr muito brevemente o tema que escolhi para esta breve intervenção, do paradigma económico ao paradigma do desenvolvimento humano, na óptica do relatório da UNESCO.

A Europa Ocidental conheceu, até há poucos anos, um período de crescimento económico contínuo, de tal modo inédito que um historiador como Hobsbawm não hesita em o qualificar de “*idade de ouro*”. Em boa parte foi graças à intervenção conjugada

entre o desenvolvimento dos sistemas escolares e o desenvolvimento económico que, no após guerra, se expandiu a procura e a oferta dos sistemas escolares. De facto, esta interacção social, com visibilidade em ideologias como a do capital humano, marca profundamente o Séc. XX.

Na verdade, ao modelo moderno de educação escolar, de base europeia, desenvolvido ao longo dos Séc. XIX e XX, subjazia uma ideologia que combinou o fomento do individualismo liberal, com a igualização das oportunidades sociais e com a crescente afirmação da autoridade estatal, sendo o Estado-Nação considerado um elemento central de coesão social e de comando das necessárias articulações entre o desenvolvimento da economia e a expansão dos sistemas escolares.

Os sistemas escolares constituíram-se e expandiram-se seguindo um figurino “*universal*” semelhante, integrados em parte nos processos de industrialização mas sobretudo como parte nuclear de um esforço mais global e contínuo de consolidação dos Estados modernos.

Contudo, com as primeiras crises económicas dos anos 70 e a vasta reestruturação que tem ocorrido na economia capitalista dos anos 80 e 90, começou a acentuar-se a perspectiva de que a expansão da oferta e da procura dos sistemas escolares dificilmente poderia continuar a basear-se no paradigma do desenvolvimento económico. Os sistemas escolares, se é que alguma vez o foram, não serão mais os “*motores do desenvolvimento*” de qualquer país.

O objectivo do crescimento económico, sem mais, como salienta o relatório da UNESCO, revela-se insuficiente para garantir o desenvolvimento humano. Os seus custos, p. ex. em termos de ambiente e de emprego, estão à vista de todos e são muito pesados. Mas não é tudo, pois a substituição progressiva de mão-de-obra por um capital técnico inovador e performante está a contribuir para modificar não só as relações sociais, como a natureza do trabalho, tanto na actualidade como nas sociedades que se avizinham. O trabalho será um bem escasso, acessível apenas a alguns e será substancialmente diferente na sua forma, no seu conteúdo e no seu modo de ancorar na trama social global.

Muitas referências culturais estão a mudar e terão de continuar a mudar. Uma delas é a referência economicista ou produtivista no que respeita ao desenvolvimento, globalmente considerado, e em particular, no que respeita à procura e à oferta de educação escolar.

Aquele é um referente em esgotamento progressivo quando nos confrontamos, hoje, com a necessidade de reorientar os sistemas educativos.

O relatório da UNESCO, na melhor tradição das Nações Unidas, propõe que à educação seja reservado o papel principal de *“dotar a humanidade da capacidade de dominar o seu próprio desenvolvimento. Ela deve, de facto, fazer com que cada um tome o seu destino nas mãos e contribua para o progresso da sociedade em que vive, baseando o desenvolvimento na participação responsável dos indivíduos e das comunidades”* (P.73).

A educação escolar, para ter futuro e contribuir nesse futuro para o desenvolvimento humano, tem de ultrapassar qualquer perspectiva estritamente utilitária, mais ou menos exclusivamente vinculada à qualificação do pessoal necessário ao mundo da produção, para se colocar como um elemento constitutivo do próprio desenvolvimento, desenvolvimento este que tem por fim último o ser humano.

Não vejo o desenvolvimento social como prisioneiro da economia. A matriz tem de estar ancorada noutra lugar. Creio que o desenvolvimento, assim reconduzido ao seu vinco humano fundamental, é como que uma espiral em que cada um se constroí na sua relação com os outros e com o meio envolvente, movimento este recheado de elos, ligações e pontes que se fazem e se desfazem, sentidos que se montam e desmontam, laços que se atam e desatam, movimento este que habilita cada um a sobreviver, a ser o que é e a participar num destino comum.

Educar, em termos escolares, será o desencadear no ser humano todo o seu potencial de protagonista no processo de desenvolvimento social e no processo do seu próprio desenvolvimento pessoal, ele que é o *“último destinatário”* e a medida de qualquer processo de desenvolvimento.

Mas como o fazer? Como é que a educação escolar abandona a sua perspectiva utilitária e produtivista, que tanto sucesso lhe permitiu acumular, sem que deixe de ser considerada um investimento prioritário ou sem que tenha, no limite, de abandonar o Orçamento do Estado?

Diz a Comissão: *“é preciso assinalar novos objectivos à educação e, portanto, mudar a ideia que se tem da sua utilidade. Esta deveria assentar antes de mais na concepção de educação como processo de revelação do tesouro escondido em cada um de nós”* (P.78). Da visão permanente instrumental, haveria que caminhar, assim, para uma visão mais essencialista e global.

Além de ajudar a **aprender a conhecer** e a **aprender a fazer**, a educação escolar deve contribuir para *“a realização da pessoa que, na sua totalidade, aprende a ser”* (P.78). Além daqueles dois

pilares, aprender a conhecer e aprender a fazer, a Comissão assinala mais dois: **aprender a viver juntos, a viver uns com os outros e aprender a ser**. Eles tornam-se pilares centrais na medida em que se defenda que a educação deve preparar todo o ser humano *“para elaborar pensamentos autónomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida”* (P.86).

É preciso mudar a ideia que se tem da utilidade da educação escolar. Já não vale a pena preparar as crianças e os jovens para uma dada sociedade. A incerteza impera e mais vale que a educação escolar invista tudo em *“conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimento e imaginação de que necessitam para desenvolver os seus talentos e permanecerem tanto quanto possível, donos do seu destino”* (P.86). Em vez de uma dada economia, mais vale assentar o desenvolvimento da educação numa dada escala de valores.

A aceleração da mudança e a vertigem que percorre o quotidiano de uma sociedade sobreinformada aconselham uma revalorização da imaginação e da criatividade. Talvez, quem sabe, a economia deva ceder agora o lugar da presidência do desenvolvimento da educação - há quem diga que esta, a educação, nunca passou de uma empregada doméstica daquela, a economia - deva ceder o lugar da presidência à cultura. Talvez a

arte, a poesia, a argumentação, o desporto, quem sabe, talvez sejam mais indicados para sustentar essa “*viagem interior*” que será a educação, não só na infância e na juventude, mas ao longo de toda a vida.

O que é preciso mudar, afinal, é também o **modelo de educação escolar**, que temos erguido na senda utilitarista, construído sob o impulso directo para o crescimento económico, apresentado quotidianamente como uma gigantesca máquina de produção em série, típica de uma época que velozmente parece caminhar para o seu fim.

Porque, afinal, o tesouro escondido e a descobrir não mora no modelo moderno de educação escolar ou em qualquer novo modelo a fazer surgir no futuro, o tesouro escondido é cada um de nós e à educação escolar pede-se agora, retomando a antiguidade clássica e a perspectiva cultural do desenvolvimento, que se centre na revelação do tesouro escondido em cada um de nós, escapando a quaisquer mandatos que não sejam o desenvolvimento humano **per se**, sem mais.

O drama que vivemos com o histórico modelo moderno de educação escolar é que se considera dramático mudar um sistema social que tantos anos demorou a construir e que socialmente é tão relevante. Mas, como qualquer sistema social este não é imóvel e tem uma vida e um fim. Dramático é o conjunto de atitudes tão conservadoras de quantos, pessoas e instituições, temem tanto seguir o caminho do resurgimento, sobre novas bases, de um novo sistema de educação escolar, inscrito noutra matriz do desenvolvimento. Este é talvez o grande repto que nos lança o relatório da Comissão Internacional sobre a Educação para o Séc. XXI.

Este é o meu entendimento acerca do desafio que o relatório da UNESCO nos faz de empreender a transição do paradigma económico e utilitário para o paradigma do desenvolvimento humano. Como é que essa transição se fará, esse é um problema enorme, mas esse é também o desafio do nosso quotidiano. A um relatório de cariz internacional e geral não se pode pedir mais do que a palavra que anuncia, que rasga, que vai à frente. Como diz o poema: “*antes de um lugar há o seu nome, ...*” ou como diz o mesmo historiador, Hobsbawm, acerca dos anos 90: “*quando (os seres humanos) enfrentam o que o seu passado não as preparou*

para enfrentar, as pessoas tateiam em busca de palavras para dar um nome ao desconhecido, mesmo quando não podem defini-lo nem entendê-lo” (1996:284).

Este relatório é um documento oportuno e muito bem vindo, é um importante referente mobilizador. Porque é necessário evitar que os cínicos e o cinismo tomem o lugar deixado vago, seja pela incerteza que nos cerca, seja pelas políticas “populares” de fuga para a frente, seja pela nossa resignação.

Muito obrigado pela atenção que me quiseram dispensar.